

# SOU UM MINEIRO, TENHO TENDA MINEIRA E VIVO CUIDANDO DA RELIGIÃO: FUSÕES DE TRADIÇÕES NAS PALAVRAS DE UM MINEIRO MARANHENSE E DOS SEUS GUIAS<sup>1</sup>

Roberto Malighetti

## RESUMO

O texto solicita a reflexão sobre as complexas relações entre modernidade e tradição através das palavras de um mineiro maranhense. As narrações, recolhidas pelo autor no decorrer das prolongadas conversações em Guimarães durante o ano 1996, foram inscritas por meio de um minucioso trabalho de edição. Reinterpretando radicalmente a colocação malinowskiana da etnografia *do ponto de vista do nativo*, o artigo exhibe a função do autor na autorização seletiva dos discursos e na fundação da autoridade etnográfica. As narrações do mineiro sugerem como as subjetividades locais, marcadas por tradições múltiplas, articulam, em modo dinâmico, pertencas multisituadas e identificações multifórmes. Convidam a despedaçar as dicotomias dos discursos modernistas (modernidade-tradição, centro-periferia, global-local) em uma multiplicidade de articulações complexas, em configurações negociais produzidas pela fusão de modernidade e tradição, do global e local.

## PALAVRAS CHAVE

Modernidade. Tradição. Híbridizações. Subjetividade. Escrita. Etnografia.

## ABSTRACT

Based on the words of a Maranhão *mineiro*, the text invites to reflect on the complex relationships between modernity and tradition. The narrations, collected by the author in the course of prolonged conversations in Guimarães during the year 1996, were inscribed by means of a meticulous editing work. Reinterpreting radically the Malinowskian positioning of ethnography *from the native's point of view*, the article exhibits the role of the author in the selective authorization of the discourses and in the foundation of the ethnographic authority. The narratives of the *mineiro* show how the local subjectivities, marked by multiple traditions, articulate, in dynamic modes, multisited affiliations and multiform identifications. They solicit to deconstruct the dichotomies of the modernist discourses (tradition-modernity, center-periphery, global-local) in a multiplicity of complex articulations, in negotial configurations produced by the co-belonging of modernity and tradition, global and local.

## KEYWORDS

Modernity. Tradition. Hybridizations. Subjectivity. Writing. Ethnography.

Olha, mina não é pra quem quer,  
é só pra quem sabe baiá,  
quem está dentro não queira sair,  
quem está fora não queira entrar.  
(Doutrina cantada no Barracão Boa Fé)

## 1 Nasci morto

Sou um mineiro. Tenho tenda mineira e vivo cuidando da religião. Meu nome é Raimundo Vicente Cardoso. Mais conhecido como Memê. Ninguém me conhece por Raimundo. Nascido e criado em Guimarães, na Rua São José. Dia cinco de abril, seis horas da tarde. Pai: Raimundo Matheus Cardoso. Mãe: Dominga Zélia Cardoso.<sup>2</sup>

O meu avô era escravo. Aqui em Guimarães, escravo era uma coisa geral. O mundo todo era escravo. Era chamado Matheus Velho, Raimundo Matheus. Eu não o conheci. No ano que eu nasci, ele morreu. A minha avó, Honorata, também eu não conheci. Meu avô era um homem muito conhecido. O senhor dele ensinou pra ele tudo. Só não ensinou foi a ler. Porque, se preto soubesse ler, era muito sabido. O carcamano era che-

fe dele. Cada um tinha sua chefura, aquele tanto de gente, de homem e de mulher, que eles mandavam.<sup>3</sup>

Minha mãe fazia trabalho de casa. Todo trabalho de casa era ela que fazia. Não tinha empregada. Era só ela, com meu pai. Fazia renda. Era rendeira. Já a conheci no tear. Botava tear. Trabalhava com bilro. Meu pai era da minha cor, de mais altitude, forte. Era muito conhecido. Fazia tudo, mas não fazia roça. Não tinha ofício certo: era mecânico, encanador, trabalhava com teto de casa, tirando pedra, fazendo adobo, tirando pau. Botou cimento para fazer a prefeitura. Eu também sou carpinteiro e carpina, trabalho com casa, fazendo portas, fazendo janelas. Meu pai era pobre, mas era famoso. Era um dos mais velhos de Guimarães. Era homem histórico. Se dava com todo mundo. Era o maior festeiro de Guimarães. Ensina aos outros: lodé, congo, chaleira.<sup>4</sup> Todos blocos que chegavam aqui na vila, perguntavam por ele. Todo mundo mandava chamar ele pra se orientar. Se aqui dava campo de bola, se dava campo de avião, ele era que marcava todo isso. Onde era que

1. O texto solicita a reflexão sobre as complexas relações entre modernidade e tradição através das palavras de um mineiro maranhense e de algumas entidades por ele incorporadas (especificadas nas notas em itálico). As narrações, recolhidas pelo autor no decorrer das prolongadas conversações em Guimarães durante o ano 1996, foram inscritas por meio de um minucioso trabalho de edição. Reinterpretando radicalmente a colocação malinowskiana da etnografia do ponto de vista do nativo, o artigo exhibe a função do autor na autorização seletiva dos discursos e na fundação da autoridade etnográfica. Evoca a natureza artificial e fictícia da etnografia e a qualidade poética da escritura (CLIFFORD; MARCUS, 1986; GEERTZ, 1973; MALIGHETTI, 2008; RICOEUR, 1983).

2. Guimarães 05/04/1935 – Guimarães 20/07/1998.

3. O Maranhão foi um dos estados brasileiros que importaram o maior número de escravos, sendo um dos principais centros econômicos do país do séc. XVIII até à metade do séc. XIX. O município de Guimarães, que, até 1964, compreendia os distritos de Santa Helena, Cururupu, Cedral e Pinheiro, representava uma das áreas com maior número de fazendas, descrita pelas fontes da época como particularmente rica e fértil. Afonso de Taunay refere que, em 1822, dos 200.000 habitantes do Maranhão, 66,6% eram escravos, o percentual mais elevado no Brasil (DANTAS, 1988, p. 75-86). No município de Guimarães, César Marques (MARQUES, 1870), confirma a alta densidade da população escrava informando que em 1870, numa população de 14.500 almas, 5.000 eram escravos.

4. Danças tradicionais.

podia fazer um hospital, ele que marcava. Porque ele só achou aqui o cemitério e a igreja: os índios fizeram. Mas o resto era ele que dava conta de tudo.

Todos os serviços de dona Mundoca era meu pai que fazia.<sup>5</sup> Era cerca, lavar casa, ajeitar casa, tudo era pra ela. Era amiga do meu pai. “Chama Memê pra mim”... A Mundoca era minha amiga também. Ela vinha aqui muito atrás do papai. Vinha buscar aqui e mandava despachar: “Quando vem o mestre Mateus? Vão lhe buscar”. E no dia certo ia buscar. Quer chovia, quer ventava, tinha que ir. Morava no Frechal.<sup>6</sup> Saía na rede e vinha aqui em Guimarães. Mas só no preto, no ombro dos pretos.<sup>7</sup> Botava uma toalha plástica em cima da rede e ia embora. Era muito gorda. Não tinha medo disso. Mas ficava com medo dele escorregar.

Eu nasci morto. Três horas da tarde. Passei a noite inteira morto. Ai ficou o povo, fazendo sentinela pra mim a noite toda e tomando aquele cafezinho. O povo todo se dedicava. A minha mãe mandou o meu tio, irmão dela, ir buscar o meu pai que estava trabalhando no Central. Ele veio. Ai duas horas da tarde, ele chegou e marcaram o enterro pra três horas. E ele trouxe logo as

coisas de morto, de lá, do Central, da casa do Januário Ribeiro. Papai fazia boneca de açúcar para poder cuidar de mim. No outro dia, com vinte quatros horas que era o enterro, três horas da tarde de novo, eu puxei o pé e gritei. Na hora, mamãe achou que eu não devia ir com aquela meia: “meu filho, não vai com essa meia. Eu trouxe uma meia nova pra vestir”. Ela foi pegar meu pé pra calçar a meia e eu puxei o pé. Chorei muito. Falou “o pequeno está vivo!”. Isso foi alarme. O povo ficou todo espantado. Eu já estava no caixãozinho. O caixão era uma caixa de papelão que o fazedor de caixa fez, o carpina. Eu já estava dentro pra ir pro cemitério. Tem muita gente que sabe. Fosse pra ser testemunha. Já morreu muita.

No ano que nasci, tinha muita mulheres morrendo de parto. Tinha os partos mal. As mulheres que ficavam grávida, como mamãe, ficavam apavorada. Não tinha médico, não tinha estrada, não tinha nada. Só tinha uma mineira, muito falada, uma curandeira, por nome Sinhá Paca. Era parteira. Vinha salvando uma porção. Ai mandaram contratar ela. E trouxeram. E aí ela disse que, quando fizesse sete meses, era pra me levarem pra ela. Aí me levaram.

5. Raimunda Fernandes Bogéa, chamada Mundoca (1890-1956), era a viúva e herdeira de Artur Coelho de Sousa (?-1952), juiz da comarca de Vitória do Mearim, prefeito de Guimarães de 1919 a 1922, último descendente do ten. col. açoriano Manuel Coelho de Sousa (1772-1843), que, por primeiro, colonizou a área construindo alguns dos mais prósperos engenhos do Maranhão, fundando as fazendas Pindobal, Haiti e Frechal (COELHO DE SOUSA, 1974; MALIGHETTI, 2007).

6. Nome da fazenda, estabelecida em 1790 por Manuel Coelho da Sousa. Os seus filhos maiores, José (?-?) e Torquato (1804-1860), foram os primeiros herdeiros e os maiores produtores de açúcar e algodão da região e os primeiros que aí introduziram a técnica do arado. Torquato ocupou várias funções públicas, como juiz, deputado federal e coronel. Após a morte de José (1858) e de Torquato (1860), a fazenda passou para o filho mais velho do primeiro, José Júnior (?-1894), e, depois, para os filhos Francisco Sotero (1871-1907) e Artur (?-1952), último herdeiro dos Coelho de Sousa. Artur deixou a fazenda à sua esposa Raimunda Bogéa, Mundoca, que, não tendo filhos, deixou-a por sua vez à irmã Zuleide Bogéa. Esta vendeu a fazenda ao Dr. Adam van Bulow, que a passou a Tomás de Melo Cruz. Hoje, a área é reconhecida oficialmente com Reserva Extrativista do Quilombo Frechal após a indenização do seu último proprietário (COELHO DE SOUSA, 1974; MALIGHETTI, 2007).

7. A distância em linha recta entre Guimarães e Frechal é de cerca 20 km.

Fiquei aos cuidados dessa curandeira. E ela ficou de resolver esse caso, que o menino nasceu com letreiro. Eu era doente, e ela era responsável pela minha saúde. Pra mim ter vida. Mamãe já era virada, as mãos e os pés eram encaranguejados. Esse dedo aqui ainda é, ele não espicha, é assim todo tempo. Agora eles iam puxando, fazendo remédio. E vim sofrendo, mais doente do que bom.

Comecei me tratar porque peguei a sofrer, sumir, desaparecer, aparecer. Tinha que ir atrás muitos dias. A primeira vez foi em casa mesmo. Depois comecei ir pro mato. Sair arribado. Era levado pelos guias. A primeira vez estava com mais ou menos três dias de nascido e começaram a me tirar daqui. Ele vem e tiram o pensamento. Eu era inocente na coisa. Eu não sabia de nada. É como quando você está dormindo sem saber o que está acontecendo. Eu não sabia o que era. Agora o povo ia dizendo o que era. Desde pequeno. Eu estava com menos de um ano nascido. Eles começaram entrar na rede e me esconder dos meus pais.

Uma vez, eu passei quinze dias. Estava com dez anos. Desaparecido. E me acharam num alto mato, numa mata. Muita gente me procurava, até a polícia. Me acharam e me trouxeram para casa. Eu ia assim, por exemplo, brincar. Calcinha de suspensório eu ia brincar. E essa brincadeira era com quatro ou cinco colegas. Então eu estava nessa brincadeira. Por um descuido, eu não sabia deles, e eles não sabia de mim. Aí desaparecia no poço, no rio, no igapó: um dia, vinte quatro horas, outra vez dois ou três dias. Assim que era. Mas meu pai me achava, com muita dificuldade, mas me achava. Aí saíam atrás, procurando, procurando, procurando. Botava facão na cinta e saía atrás de mim até achar. A hora que dava alarme o povo ia atrás e me achavam. Agora o povo ia condenar eles que tinham

que dar conta de mim, eles que estavam comigo. Porque eles não davam. Eles não me largavam, dormiam comigo de dia, uma porção de gente deitado na mesma cama e eu deitado numa redinha no cochilar dele, mas eu desaparecia. É triste. É ruim.

Depois que eu fiz sete anos, eu fui entregue pra Sinhá Paca, a mulher que veio assistir meu parto. Minha avó me botou aqui no ombro e assegurava a minha mão. Foi levar lá no centro, no tempo, no lugar por nome Maçaricó, em Guimarães. Aí Sinhá Paca tomou responsabilidade comigo. Meu pai com minha mãe não me governavam. Eu comecei trabalhar na cura com a Sinhá Paca, tia de Zé Paca, meu irmão de criação. Quando eu cheguei lá, eu achei ele. Esse era sobrinho dela e eu não era nada. Apenas era discípulo.

Quando chegou o tempo, ela me deu preparado de cura, pra me curar, dar remédio, medicar. Ela me deu dois dias pra mim atender. Pra poder confirmar a linha. No início, uma mulher. Depois foi um homem. Depois foi um menino. Aí eu confirmei. Aprendi pela minha intuição. Não é ensinado. É o dia que vem o encantado. Na hora, a gente chama ele, ele vem dar uma orientação. Se eu estou atendendo aqui, agora, o encantado está vendo que o entendimento não está reto. Aí ele areia. Aí ele dá o remédio. A gente não pode receber, não tem idade. E vai passando nela, no mestre da gente, na mestra. Olha, você tem encantado. Ele vem. É o guia. É só o teu. Tu pertencia com esse encantado. O pai de santo ou a mãe de santo tem que receber tudo isso. Tudinho tem que passar por eles. Às vezes, o passamento é pra a via dela.

Com o passar do tempo, chegou uma fase que ela não podia mais dar conta. Não podia resolver todo negócio. Eu continuava desaparecer. Aí mandaram buscar o tio por

nome João Soares. Era sobrinho do meu avô e primo legítimo do papai, um parente que ele tinha. Foi o curador, o pajé, mais falado que já teve aqui no Guimarães. Aí mandaram chamar pra tomar conta de mim e da parte que ela não entendia. O João teve lá cuidando de mim. Era muito tempo. Eu cheguei até dezoito anos. Trabalhando. Houve uma grande preparação. Aprendi como chamar o encantado, saber como chamar, saber receber os outros, conhecer as linhas, ver qual linha que chegou, saber se livrar do inimigo e dar remédios.

## 2 O Terreiro do Egito

João Soares vê que não vencia, que não dava pra ele resolver tudo. Ele não deu mais conta de resolver o problema pra frente. Foi até onde podia e até onde ele conhecia. Era cura. Só curava. Não tinha tambor. Aí não pude porque um guia é mais forte que o outro. Já reis é mais do que o príncipe, o caboclo, o preto. Eles não podem ser mais. Podem até saber muito mais do que o príncipe ou o rei, mas eles não podem passar na frente.

Aí me entregou para uma senhora com o nome de Pia, Maria Pia. Ela era mineira. Ela era mãe de santo do Egito. Mandou buscar a mineira mais velha do Maranhão. Chamou ela porque ele não teve caminho mais pra ir pra frente comigo. Eu mandei o dinheiro pra ela vim. Sem conhecer. Ela veio. Mas a Pia pegou o carro errado. Ela perguntou onde era Porto de Baixo. Aí disseram que o barco para lá era três horas. Tem dois Porto de Baixo: tem um aqui, pro lá, Caranguejo e mais Baiaçu; e outro pra cá. Agora esse daqui já passou

pra ser Cedral. É Guimarães, mas é Cedral. Ela foi pra casa de uma senhora com nome Cocota, dona do Patacaia<sup>8</sup>, nascimento de Porto de Baixo. Chegou. Aí ela foi trabalhar lá. Ela era filha do santo dela. Outra filha dela de Santo era Maria duas Caras, o nome dela. Aí foi embora pra cidade. Passou quinze dias. Mas já ficou com vergonha do que eu tinha mandado, que eu tinha apresentado. E a rezadora do Egito era a minha prima legítima. Vivia lá em São Luís também, trabalhando. Ela era curandeira e era rezadeira. Veio mais um senhor por nome Manoel, traz Verequete, um vodun. Veio me buscar, mandado dela pra a festa de dezembro. Aí chegaram, me apadrinharam aqui. E ainda fez uma cura aqui, uma noite. Depois me levaram pra Egito. Lá foi terminar de me preparar, a parte de mina. Já vivia preparado na cura.

Maria Pia era a mais importante, porque era a chefe do Egito: chefe de Jeje e chefe de Nagô. A mulher, a dona, nasceu no Egito. Era egípciana. Ela veio do Egito pequena trazida pela mãe dela. Maria chegou da África como escrava pequena no bracinho da mãe dela. Era liberta. Vivia com a mãe dela. Pra onde ela ia, levava. Ela se entendeu bem. Pegou a conhecer a vida já de sete anos pra cá. Começou fiar a rede no tear mais a mãe dela, a fazer as coisas que o branco mandava. Até quando inventou a liberdade.

Ela estava botando rede no tear mais a mãe dela. Aí deu uma coisa. Cada um dá uma diferença. Ela já veio pra meio de ataque. Já eu foi por meio de sumir. A mãe dela corria aos médicos. Já dentro da liberdade. O médico disse que ela não tinha nada que pudessem resolver. O médico não achavam nada. Mas continuava a dar. Con-

8. Lugar perto de Guimarães.

tinhou. Aí ela mandou chamar a mãe dela, mandou chamar Nhá Bá, justamente, que era dona do Egito. Aí Nhá Bá, faladona, veio e disse que ela era média. Todos que vem de lá são. De lá que veio a força. Tinha mediunidade. Só se abrisse a mediunidade dela. Aí tomou conta dela. Abriu. Foi assim que ela ficou. Ela não pegou mais daquele ataques. A negona preparou ela. Morreu e deixou ela como dona.

Falar o nome do Egito todo mundo sabe. O povo todo. É muito velho. O barracão mais velho do Maranhão é Egito. Tem seis mil e poucos filhos de santo. O Egito é um alto, um morro alto, redondo. Tem muito bicho. É lá que vai buscar água, pra cristalizar na cidade. A água é azulzinha. O senhor se banha e pensa vou também ficar azul. Mas não fica. O pocinho é pequenininho, por ir dentro. Agora nós ia no morro alto. De lá, nós olha tudo. Olha o cajual, a praia que vai pra Itaqui, pra o porto de Itaqui, pra o deporto do navio.

Todos os pretos vieram pro Maranhão vendidos. Os português vinham deixar os africanos. E essa foi uma, a Pia. Então eles fugiam. Os mais judiados, que pertenciam a isto, fugiam. Eles eram de serviço, e não queriam que fugissem. Meu avô fugia e ia se amocambar lá muito longe do Maranhão. Foi os africanos que fugiam dos brancos e se montar com um escondimento. Mas a Pia não fugiu. Quem fugiu foi Nhá Bá. Foi Nhá Bá que abriu o terreiro lá. Trabalhou muitos anos. Então, a Pia já era filha de Santo da Nhá Bá e ficou tomando conta. Nesse tempo tinha selva. Era mata virgem. Era lá que era o escondidinho mesmo. Lá eles ficaram. Eles escondiam lá e iam trabalhar com outros brancos. Os brancos aceitavam o que eles queriam e a liberdade que eles viviam. Agora comiam frutinha, comiam mangas, abacate, bananas que achavam pelos matos, pra não

morrer de fome. Ficou pouco. Até que Deus mandou nós a libertação. Os que estavam prá lá ficaram lá. Lá eles iam trabalhar pros brancos aliviar aqui os crimes deles. Mas depois os brancos deram a liberdade. Os brancos passaram, assim também, a resolver este problema.

Lá tinha pedra mineral. O dono da fazenda do Maranhão ficou rico. Foi uma pedra que ele juntou lá. Eles disseram pra não se importar que ele roubou. Mais ele ia ter muito nome na história. Depois ia cair em falência. E justamente caiu. A fábrica era a mais falada no Maranhão. Era Fabril. O senhor se informe dos mais velhos: Fabril, o canto da Fabril. Agora o prédio de lá é muito enorme. Tira carteira da identidade e essas coisas, lá na Fabril. O barco ia daqui e deixava mangue lá no quintal do Fabril. É na avenida Kennedy. O barco de Guimarães deixava na praia.

No Egito, Maria Pia mandava tudo por causa da idade. Qualquer coisa de justiça era ela que ia resolver, que pertencia. Aí, se o senhor tinha alguma coisa comigo que precisava resolver, tinha que chamar ela, pra ela resolver aquilo como foi. Porque ali as entidades são danadas. Tocam fogo nas pessoas. São perigosas e brabas quando chegam.

Assim eu fui pra mão de Pia, pro Egito, em São Luís. Eu fui pra me tratar. Fui pra poder vim abrir terreiro. Sou filho dela. Fui trabalhar, domesticar os encantados. Eles vêm brabos, batendo, derrubando, insultando, gritando. Então vão ser domesticados. Vai ser ensinado:

isso aqui é tal coisa. Olha aqui não se grita assim. Isso aqui não se bate. Você veio para cá prestar benefício, prestar bem. Você não veio pra cá brigar com ninguém.

Ele só quer ser guerreiro, guerrear, matar, fazer e acontecer. Mais não é assim. Aí o mestre está lá para governar ele, gritar

com ele. Ele pega uma faca, corre em cima do menino pra cortar. Psiu! “Alto lá! Larga a faca lá. Não faça isso. Isso é contra Deus.”

Seis horas da tarde no Egito, que acredite que não acredite, que olha que não olhe, que se atoa e que não se atoa, seis horas da tarde, a gente canta. “Chega o Mané Pretinho, piloto do navio de Dom João. Ele vem tão apressado lá do manacial”. Seis horas. Quando é seis e meia, se começa ver o navio. Se olha o navio como que está olhando na televisão. Cada vez mais perto. Mas está longe. Eles tiveram no cajual, aí vão pro pau da paciência. O pau da paciência é um cruzeiro de cimento, cimentado. A gente vai pra cima pra ver o navio chegando com aquelas luzes. Daí a uma hora ou meia hora, ele areia o céu, o show daqui de cima “tá, tara tá”, está arriando. Mané Pretinho já chegou que veio avisar. Depois que ele avisa, que eles começar a olhar isso. A dona chama pra olhar. O canto como é? “Pai da Bá / ah minha gente / pai da Bá / que agora chegou / Chegou o pai da Bá / com sua ademàr [?] / Pai da Bá é o governador.”

Agora, depois de Mané Pretinho aí vem chegando os outros, os encantados. Vão arriando os médios. Esses encantados areia todos médios até quatro horas da madrugada. Quatro horas da madrugada, vão todo se despedindo por nós. O navio torna acender as luzes e vai embora. No Egito, é cousa séria. O ano que navio não vem, o ano que ele não aparece, manda morrer. Aí, se ele não aparece um ano aí já sabe. Vá logo aprontando caixão. Não chega no outro ano. Pode faltar um dia, mas manda morrer. Nhá Bá foi assim, a Pia foi assim e Celestina assim foi.

Essas coisas minha mãe contava. Ela deitava junto comigo na rede pra nós conversar. O povo se admirava, queria saber a idade dela: “Vem Memê, vem deitar aqui

comigo, pra nós conversar”. Conversar. Era só. Enquanto nós não enamorava. Era assim.

Agora lá só dançava mulher de trinta anos pra cima. Menor não dançava. Não é aceito pela lei. Se tivesse completo, caía. Mas ela levantava e não aceitava na casa. Até for completar, essa idade. Novinho lá não dançava. O homem lá não dançava. Quem dançava no Egito era só eu e Manoel. Está vivo. Lá no Anil. Só nós dois que dançava no Egito. De homem. É só João de Una e o Manoel, o Verequete. Só esse que dançam. Outro homem lá não dança. E eles não carregam e não dançavam. É sentadinho.

Egito é um terreiro do Egito. Traz uma corrente que vem do Egito. Cada uma é uma falange. Tem a linha de cambinda. É a mais poderosa. Foi a primeira que chega da África. Tem a falange negra, tem a falange cabocla, tem a falange do príncipe, a da principa, tem a falange do Rei e da Rainha. Lá é vodunsi. Tem o João de Una, João Guerreiro, tem o Sebastião, Rei Sebastião, tem a vó Missã, tem o vovô Daniel, tem o Preto Velho, tem muitos. Tem a rainha Selvana. Só fecha com ela. A derradeira doutrina é dela. A Rainha Selvana é a derradeira que vem no terreiro quando vai fechar. Tem que cantar pra ela, que ela é mais velha.

Agora tem a separação na hora do trabalho. Lá eles são todos. É completo. João de Una é o responsável de todo. Ele determina as coisas como dono. É dono do Egito, mais Verequete. Vem o mestre, o Rei do Mestre, o mestre do mestre. Agora esses encantados andam muito. Hoje eles tão aqui, agora logo. Mas daqui a dez minutos – como um relâmpago, uma eletricidade – daqui a dois minutos, eles estão em outra parte, fazendo a mesma coisa que estavam fazendo aqui. É uma falange muito enorme. Ninguém dá conta.

Aí Pia foi fazer meu trabalho. Terminar de me ajeitar. Lá foi terminar de me preparar, na parte da mina. Agora ela foi ficando velha. Ela morreu com cento trinta um anos e três dias. Então, ela estava pra morrer e entregou a casa pra mim. O navio não apareceu. Ela morreu e deixou a casa pra mim.

Lá são seis mil e tantas pessoas. Muita gente, de toda parte desse mundo. São todos filhos e filhas de santo dela. Aí eu era um dos mais novos da época. Todos eram mais velhos do que eu na casa. De idade podiam ter menos, mas da casa eu era o mais novo. E outro ano que eu fui teve um jogo. Aí jogaram os dados e eu fiquei como dono da casa, o responsável. Passaram a responsabilidade pra mim. De tudo. Sem eu saber. Não sabia nada disso. Fui escolhido. Eu que fiquei responsável. A dona morreu e entregou pra mim.

Tomei conta da casa, por causa do guia, porque era o mais velho do Maranhão. A guia da casa passa em mim. Porque o João que está em cima de mim era o dono da casa dela. O velho dono da casa. O meu guia era o padrinho dela, de igreja e padrinho de croa. Porque a gente tem que ter padrinho e madrinha, tem que ser batizado na boca do tambor. A velha Celestina era irmã de santo dela, mais novinha um pouco de que ela, mas com oitenta ou noventa anos. Também era afilhada do mesmo encantado. Aí acharam que o encantado aqui é o dono

quando chega. Quer dizer que, quando eu estava puro, eu tomava benção e quando eu estava atuado come ele, eles que vinham tomar benção. Todo mundo.<sup>9</sup>

A competência é do encantado e é minha. É eu e o encantado. Porque aonde o encantado se comprometer, tem que comprometer a croa que está em cima. Se está em cima de mim, ele é comprometido comigo. Se tivesse em cima ao senhor, ele é comprometido com o senhor. O que ele tem em cima de mim, eu que tem direito. Se ele estiver em cima do senhor, o senhor tem direito. Do que ele adquiriu em cima do senhor, eu não tenho direito. Mas não tenho o direito nas coisas. Porque eu tenho muitos irmãos de santo ricos, milionários. Como Teófilo. É muito rico, tem gado, tem tudo. Mas é dele. Se não fosse assim, eu tinha direito naquilo por causa do encantado. Mas não tenho. O que Teófilo adquiriu com ele, é de Teófilo. O que eu adquiri é meu, pela aquisição minha. Mas, se não fosse assim, então todo mundo era rico, todo mundo era pobre. Porque um tomava do outro. Mas não pode.

Quando me dei por pronto de trabalhar no terreiro aqui, tomei conta da casa lá.<sup>10</sup> Eu disse, eu avisei que eu era pobre, a condição tinha pouca. Eu era o mais pobre e não tinha condição de fazer nada lá. Meu pai era pobre, minha mãe pobre. Tinha meus pais que me ajudavam. Então mamãe era aposentada. Qualquer maneira, eles me ajudavam, fosse

9. João de Una: "Eu sou fundador da Casa do Egito. Maria Pia era dona, Maria Pia era filha. Minha afilhada. Eu batizei ela com sete anos de idade. Batizei, porque ela me escolheu. Eu trabalho em cima da mãe dela. Essa velha assim morreu também. Eu me lembro que ela trabalhava, ela fazia de rede. Ela é africana que vem da África. Ela chegou de colo aqui e a mãe dela começou a trabalhar e ela se agradou de mim pra ser o padrinho. Aí eu fui ser padrinho dela. Memê era filho dela e eu era padrinho. Quando eu estava ela era minha filha e minha afilhada. E quando eu não estava, era mãe, eu chamava de mãe em filho. Agora quando eu estava não chamava. Ela que me chamava e tomava benção beijando os pés."

10. Antes da morte de Maria Pia, no dia 26 de abril de 1966 (FERREIRA, 1987 p. 52), Memê já tinha fundado o barracão de Boa Fé, em Guimaraes (em 1956). Segundo Ferreira (1987, p. 52), o Terreiro do Egito, fundado em 1864, foi extinto no dia 14 de dezembro de 1980.



com limão. Eu perdi todos os dois. Essa parte ninguém ajuda. Não quer ajudar. Só aquela hora que precisa. Depois acaba e acaba a história. Aqui é cheinho de gente, ano de eleição. Quando é depois da eleição, se vier aqui precisa chamar. É ruim. Aí eu fui. Fiquei lá, fiquei aqui, de acordo com o que for possível. Então, quando eu podia, eu ia às festas, escrevia, mandava as cartas.

A festa de obrigação do Egito é Luzia, Santa Luzia e São Sebastião. Lá só toca pra Santa Luzia, pra Rei Sebastião e pra São Benedito. Esses três santos é que vivem lá. É dezembro e janeiro. Tem que ir. É dia doze, treze, quatorze, quinze, dezesseis de dezembro e janeiro é dezanove, vinte, vinte um. Então, dentro do período da festa, a gente tem que chegar lá: cinco dias pra Luzia e três dias pra São Sebastião. Tem vezes que chega mais disso. Eu tinha que fretar barco para vim embora com quem ia comigo, os meus seguidores, que me seguem. Aí vão comigo muita gente. Lá a gente só vai de carro. Tem que fretar carro. Pra lá, não tem linha de carro. Passa pro Itaqui. A gente salta e vai de pé. E pra ir direto de pé lá, tem que afretar um carro, pra deixar a gente lá: pequeno, ou grande, até de jipe. Aí, afreta, cinquenta, sessenta, oitenta. Cada um afreta uma turma. Nós se reúne e afreta um carro pra nós dez. Agora lá, vai marcar logo o dia de buscar. Recebe o dinheiro de ida e no dia de buscar, já deve ter o de vinda, pra entregar pro chofer.

No Egito, não mora ninguém. No Egito, vão trabalhar e vêm embora. Não mora lá. Não pode ficar morando lá. Quem mora lá é cobra, é bicho. Vão só fazer obrigação. Fez obrigação e volto em casa. É ruim. Eu não tenho ido lá por causa da condição. Tem que levar uma condição boa. Eu fiquei anos no Egito. Fiquei como uma obrigação. A responsabilidade era alta. Se ti-

vesse um baile e eu dizia “eu não vou lá”, eu ia ser castigado. Tanto a casa como a pessoa. Me encontrei na casa de uma irmã. Eu não podia trabalhar lá. Trabalhar na cidade. Ela disse

Você não pode vim pra cá. Você vindo pra cá, corre perigo de morte. O mestre, o encantado, com seus pais, eles são muito garrados contigo. Eles vão sentir muita falta de você.

### 3 Barracão Boa Fé

Quando eu vim da Pia, eu vim abrir esta casa aqui. Eu vim de lá e fiz esse aqui, o Barracão Boa Fé. Boa Fé é o nome da casa. Da tenda. Terreiro Boa Fé: fundação no dia oito de agosto mil novecentos cinquenta seis. Tem quarenta anos isto aqui. Quarenta anos, que recebeu uma responsabilidade muito grande. Acho que pertence ao Egito, porque eu venho de lá. Porque eu sou filho de uma filha da África. A relação que tem com a África é que é dependente da África.

Pra abrir precisa receber a posse. O dono não pode assentar. Tem que vim outros. O dono manda buscar os mais velhos pra fazer abrir a sua casa. Agora, quando eu fiquei pronto, vieram assentar minha casa. Veio vinte dois mineiros também preparado, vieram assentar a casa. Tive despesa muito grande pra esse povo todo, por tomar conta da gente, pra levar.

Quando eu abri, eu fui atrás de licença, lá pelo prefeito. O mineiro tinha que ir pra polícia, tirar licença. Nesse tempo aqui, era só pajé: João Soares, que era meu tio, o Seu João da Terra e outros. Não falavam de mineiro. Aqui não tinha mineiro não. O meu tratamento foi esse mesmo, pro pajé de primeiro. Era tudo escondido, brincando de portas fechada e batendo palma. Meia noite, a gente começava a cantar e bater palma baixinha, pra gente não ouvir na

rua, porque a polícia chegava pra prender. A polícia era contra. Os brancos eram contra. Eu também estava escondido. Meu pai tirou muitos da cadeia aqui.

Quem libertou foi eu. Não quis esconder mais. Eu fui o primeiro tirar licença. Nesse tempo, não tinha licença e nunca tinha sentado um mineiro. Agora a minha serviu de cobra pra os que têm agora. A minha foi a primeira. Tive que tirar licença aqui em Guimarães. Tive que tomar conta de tudo. Quando fui tirar licença, ninguém soube dar, porque nunca tinha tido isso aqui. Veio um tenente da polícia do nome de Nozô para tratar disso comigo. Ele já morreu. Tem a filha viva, os netos. O tenente veio comigo na polícia. Eu era menorzinho. Na polícia, passamos com o meu avô três dias num quarto fechado, investigando, pra poder tirar a licença sem tempo. Porque lá tira de três em três dias, de seis em seis dias, de dez em dez dias. Quantos dias toca, tira. Pagava e tocava. Terminava e não podia tocar. Se era com um mês não tiravam de mês. Se era mais de dois meses, eles tiravam de um mês. No dia que terminasse, eles vinham buscar uma outra de um mês. Agora a minhas licenças não estavam sem tempo. Deram uma licença de três dias, de quinze dias e mandaram meu avô pra casa. Tiraram uma licença de oito dias. Aí eu disse que eu não podia tomar uma licença de poucos dias. Me deram de um ano, anual. Quando fazia um ano, tinha que vim de novo pra pagar e levar outra. Assim que foi. Já teve muitos delegados aí. Já brigamos muito. E eu não podia, assim, chegar. E eles foram tirar essa licença sem tempo.

Eu já passei muitas fases ruim. Todas as vezes que tocava a noite inteira, eu tinha dois soldados. Chegavam pra prender o dono do terreiro ou a dona. Porque, até

uma hora da manhã, duas horas, os periquitos, os soldados, chegam. A cavalaria. Pra prender o dono e fechar o terreiro. Os brancos não gostavam. Os padres não gostavam. Naquele tempo, muitos padres chegaram aqui em Guimarães com freiras e tudo. Pegaram a fazer rivalidade comigo. Já vieram comprar aqui, pra fazer uma igreja aqui. Botar bairro “São Mateus”, porque era o nome do mais velho, do meu pai. Me prometeram salário: “O senhor toma conta da igreja e tem seu salário”. Pra ver se acabava. Me aconselharam as coisas. Mas eu não posso isso. Não é uma determinação minha. Isso não é meu. Isso é da guia. Não podiam fazer uma igreja aqui.

Quando mandei um empregado por nome Pupu, que era o mecânico de tudo, comprar telhas, o padre João, que era o dono da olaria, disse que lá não tinha telhas pra mim. Diz que não vendia, não dava e não emprestava. Ele não vendeu, não deu, nem nada, porque diz que eu era dono do meio mundo e que eu já tinha feito eles passarem várias decepções. Quando vieram fazer o centenário de Guimarães, veio padres, veio o bispo e o arcebispo. E aqui tocava. E viram o povo ir pra lá, vim pra cá e ir pra lá. Deu mais gente aqui do que lá. Aí mandaram chamar a polícia e perguntaram se a polícia proibe. Mas eles diz que não podiam porque era mesmo licenciado pelo Maranhão.

No Barracão, tem que ter duas pessoas, a mãe e o pai. Depois de mim, tem uma pessoa que recebe, resolve tudo. Agora, no momento, é Dadá, mas era Elza. Está em São Luís, em São José de Ribamar. Tem a secretária, a zeladora. Uns chamam zeladora. Outros chamam secretária, secretária por encantados. Lá na casa do padre, é sacristão. Aqui Justina, minha madrinha, é a zeladora, pra zelar tudo que é dos encantados. A zeladora é o serviço de tudo

que precisa: me dá cachaça, vai buscar as coisas, me dá cigarro, toma nota disto aqui. Depois, tem os filhos de santo. Tenho trezentos e oitenta e nove filhos. Agora, estão todos espalhados, empregados, no Rio de Janeiro, no Pará, em Brasília. São filhos da casa. A Regina da Bahia, você vê falar, foi pra Bahia. É minha filha. É dona de um terreiro. Chegam aqui em agosto. Vem uma parte. Tem muita gente. Dá uma rodada. Essa que dançou primeiro vai. Vai outra que ainda não dançou. Dançar tudo de uma vez, a casa não leva. Agora leva tudo na hora de fechar. Dá-se o nome de fechar. Abrir e fechar. Tem que ir todas lá na parte de abrir. E, na parte de fechar, já vem encantado em cima.

As festas, eu vou explicar direitinho. Aqui tem festas em agosto. O trabalho começa vinte três de agosto. Passa Baiano. Vinte quatro é mina. Vinte cinco é mina. Vinte seis é mina também. Vinte sete passam só ciganos. Vinte oito, eu vejo passar índios. Vinte oito de setembro toca festa de Cosme e Damião. Três de dezembro e quatro de dezembro é Santa Barbara; sete, oito, nove é pra Conceição; doze, treze, quatorze pra Luzia. Depois toca Natal. Toca Reis, anos, aí toca São Sebastião. Dezenove, e vinte um janeiro é pra São Sebastião. Aí fecha oitavado. Dá-se o nome de oitavado porque apanha todos os santos. Dia de Santa Bárbara foi a Conceição, foi a Santa Luzia, aí foi o Natal. Natal foi anos. De anos, foi Reis, de reis foi São Sebastião. Aí dá uma oitavada. Um mês e pouco de festa. Tudo eu faço aqui. Na quaresma, toca baião que é cura. Na quaresma, diminui. Na qua-

resma, tem o sentimento de guardamento religioso. Temos todos resguardos porque nós sabemos o que é Sexta-Feira da Paixão.

Dentro da mina, tem repartição. Tambor de mina branco, da magia branca, tambor de mina da magia preta, magia negra aqui se chama, e magia vermelha que é a cura.<sup>11</sup> Tem diferenças entre as três porque a preta é a mais forte. Exu trabalha para o mal. Uma pessoa não gosta de uma outra pessoa e quer fazer o mal. Aí vem aqui e fala. Eu digo “não. Eu não sei fazer mal. Você é meu amigo. Eu vou chamar o encantado”. Aí vai trabalhar com a família de Exu. Exu já pertence pra mágica, para magia negra, magia preta. Mais é privado. Não trabalha, não tem saída. Eu trabalho aqui na magia branca, fazendo o bem.

A mina tem três partes: a mina, a cura e a seção espírita. Começa com a seção espírita. Depois, passam os caboclos. Se chamam os caboclos. Aí vêm passar os caboclos. Até meia noite. Meia noite vem passar a mina. Aí mina vem e fecha. E quando precisa só de uma, só passa uma e as obrigações daquela. Amanhã precisa de outra. Então faz da outra. Cada uma é de um jeito.

Tem a mina e tem baião mineiro e tem baião. Baião é do Egito. É apresentação de África. É com música. É só instrumentos, 15 instrumentos, 20 instrumentos. E tem o baião mineiro. É pra poder curar os doentes. O baião é uma cura pra poder tratar de curar os doentes. São só 2 tambores: diminui 1 da mina que tem três. Ficam dois pra curar os doentes. As filhas de santo dançando, e o pai e a mãe de santo vão tratar daquele doente no quarto. Esse que é o baião. É uma

11. João de Una: “Cada uma cor pertence a uma falange. Quando trabalha com mal, com a linha negra, tem que ter preto. Nós como não trabalhamos, não usamos preto. Trabalhamos com a magia branca. Quem trabalha pra magia negra é mais forte pro mal, pra fazer o mal, matar, desempregar, aleijar, entregar as coisas. É outra corrente. Tudo passa aqui. Numa casa dessa passa tudo. Passa o bem e passa o mal.”

obrigação. Se canta, se recebe o encantado. Ele vem resolver tudo, dá o começo e dá o fim. E fica atendendo ainda alguns amigos, algumas pessoas. Depois vai embora. Aqui ninguém representa. É só eu que representa aqui. Quer dizer, lá na cidade representa, no Egito. Os filhos do Egito representam. Mais aqui quem representa sou eu, nesta bola.

Quarta e sábado é dia das passagens da casa de começo. Todas quarta-feira e sábado aqui eles atendem todo mundo. Pode ter gente pra ser atendido, pode não ter. Mas ele tem que vir. Chegam de seis horas da tarde diante. Aí não tem hora dele sair. Todo mundo é sentadinho, o chefe falando, rezando. E vai recebendo o encantado e vai botando mão na cabeça. E depois que ele vem, ele dá o nome dele. Quando ele chegar, vai dizer tudo. Aqui é consultório. Cada um tem um número dele. Lá na bancada. Aí o menino vai dar ficha. Quando ele bater na campainha “blim, blim, blim número tal”, paga uma fichinha. Um real. Mas ninguém paga. Quando um paga, dez não paga. Eu não posso ficar vivendo só disso, porque não dá. Todo mundo é compadre, todo mundo é comadre, todo mundo parente. Aí nessa confiança, o ganho da gente é pouco. Quando sai, nem diz “muito obrigado”. A gente ganha mais quando é estranho. Aqui na vila, não tem dinheiro. Eu já apanhei muita chuva na estrada pra dar assistência, dar saúde. Eu saio por Cururupu, Santa Helena, Mirinzal, Cedral. Tudo eu era doutor. No cavalo. Só andava a cavalo. Eu era o médico daqui de Guimarães. Era eu, Amadeu e Dona Filomena, depois foi Dona Edésia. Não tinha médico. Não tinha nada. Era nós. A casa era cheia pra dar remédio. De graça. Agora, uns davam uma coisa, outros não davam nada.

Na mina, se reconhece as diferenças, quando vem dançar, quem vem cantar. Na cura, também, querem fazer a mesma coisa. Ele vem, manda ter encanto, mas terminaliza no nome dele. Recebe. Seção é ele receber espírita, retirar espírito. Aí dá *diferência* porque aí ele é espírito. Já não quer, não quer nada. Dá o nome dele, diz que morreu, porque morreu, quem foi culpado. E, se desencarnou daqui, e já vem de lá pra cá, como minha mãe. O pajé trabalha diferente. Pajé é o encantado. Os encantados são pajés de cura, da água doce, pais de cura. Pertencem à água doce, rio, igapós, essas coisas. É só bater nas palmas e cantando. Assim era minha mãe d’água doce, que trabalhava. O chefe manda os outros. Na mina, o nome é pai de santo. Pai de santo é nós. Nós, puro, chamamos pai de santo fulano de tal, porque nós recebemos o santo. E, na cura, é mestre ou mestra. O pajé é na linha de pajé. Não tem filhos, tem discípulas e discípulos. Quer dizer que eu sou carpina e vêm a pessoas aprender comigo. Homem ou mulher: “Aí ele é o meu mestre”. “Quem é teu mestre?”. Diz assim: “É seu Memê. Seu Memê que é meu mestre”. Aí eu já sou em cura, eu já sou mestre. E tenho meus discípulos e minhas discípulas. Já na mina, é um grau maior. Já sou pai.

A mina não cura. É só pra trabalhar. O tambor de mina é só pra fazer as obrigações de mina para os orixás, pros voduns, pra Oxalá, candomblé, qualquer falange que pertence à África. Cada um trabalha diferente do outro. Os encanados da mina trabalham de um jeito. Candomblé trabalha diferente da mina. Mas candomblé trabalha da linha de candomblé. É uma linha diferente, da mesma coisa.<sup>12</sup> Mas tem

12. João de Una: “É as duas são iguais, quase a mesma coisa. Mais uma tendo mais poder. Uma delas tem mais poder. A que tem mais poder é Egito. Lá é vodum. Agora tem a separação na hora do trabalho. Lá eles são todos. É completo.”

a repartição. Se pescam dez pescadores, cinco pega peixe graúdo, cinco pega peixe miúdo, já é diferente daqueles pegar. Eu faz qualquer um. Batem tambor, bate taboca, nós bate também com pote. Compra pote virgem, marra a boca, com pano bem esticado, estica o pano e marra, pra bater. Tudo tem candomblé. Tudo pertence à África: o *lodé* é África, pertencia à África, a *chaleira* pertencia à África, o congo pertencia à África. Todo pertencia à África, as cantigas as doutrinas.

Na mina, toca os três tambores, toca agogô, as nove cabaças ou sete, ou quantas tiverem. Não tem quantia. Vai cantar só mina. Mina pra mina. Canta de chefe em chefe. Termina um chefe, vá pra outro, até encostar. Tem guia, tem contra guia, tem baliza. O guia manda os outros todos. Depois do guia, é a contra guia que manda. O contra guia recebe ordens do guia e vem determinar. O guia manda ele, e ele vem determinar os outros. Guia é o chefe, o encantado que manda na gente. Baliza é assim. Eu boto cinco aqui, no cordão, e digo: o senhor é que manda nesse cordão. Então, é o senhor que é a baliza dos outros. O que o senhor quis eu vou fazer, a parte de dançar, a parte de cantar.

Na mina, tem doutrinas, cantigas, cânticos. Lá é samba, valsa. E aqui é cântico. Tem que cantar pra a corrente que está pesquisando. Se está pesquisando uma corrente de João, tem que cantar pra a

linha de João. Se está pesquisando uma corrente de outro, qualquer uma corrente, tem que cantar a dele. Cada chefe na encantaria tem a sua linha. Uns chamam de corrente, outros chamam linha. Cada um é chefe da sua linha. Manda sua linha. Tem a linha de frente, tem a linha detrás, as mais adiantadas. Cada chefe é como nós aqui. Eu tenho meus filhos de criação, o senhor é chefe da sua família. O encantado também. É muita corrente. É como uma família. É por famílias: “é minha família. Eu pertença a ela”. Pertencia aqui. Já outro que não é daqui, não tem essa família, não pertence a eles, a nossa família de encantados.

Encantados têm um porção.<sup>13</sup> Tem da água doce e da água salgada, que são do mar. Da água salgada, pertencia a mina e da água doce é a linha branca, que pertence à água doce. Cada uma corrente, cada linha são cinquenta encantados: vinte cinco pares. Tem vinte cinco mulheres e vinte cinco homens. Ai dá casal. Cada um é uma falange. Tem a falange negra, tem a falange de preto, tem a falange de caboclo, tem a falange do príncipe e princesa, tem a falange do rei e da rainha. Cada um tem um tamanho. O que manda aqui é reis. Tem Rei Sebastião. Rei Sebastião é dono do Lençol.<sup>14</sup> Tem Baiano Grande, tem Vaqueiro que é o primeiro filho dele. Tem Preto Velho, tem Preta Angola, tem as linhas que pertenciam à mina. Tem os

13. Raimundo Vaqueiro: “Abaixo do Deus e do Santo / Acima de Deus ninguém / Abaixo do Deus e do Santo / Acima de Deus ninguém / Acima do santo tem / Os invisíveis também / Acima do santo tem / Os invisíveis também”. (Doutrina cantada no Barracão Boa Fé).

14. “Rei Sebastião / ele é guerreiro militar / Ou Xapanã, ele é pai de terreiro / É reis, é reis, é rei Sebastião / quem desencantar Lençol / vai abaixo o Maranhão” (Doutrina cantada no Barracão Boa Fé. Depoimento de Rita, filha do santo de Memê).

voduns. O meu vodun é mata. Os orixás são vários.<sup>15</sup> Tem várias falanges. Falange Oxalá, Iemanjá.<sup>16</sup> Conheço quase todas. Xangô é uma linha. Na linha Xangô, todos são *Xangoso*.<sup>17</sup> Tem também Oxalá, Exu.<sup>18</sup> Aqui traz uma corrente que vem do Egito. Lá é linha de cambinda. Cada um santo pertencia a uma imagem. E esta imagem é protetor dele aqui na terra. Verequete é S. Benedito.<sup>19</sup> Tem Santa Bárbara. É dona do terreiro. É a mãe do terreiro. É a mandona. Cada um terreiro é assim.

Tem muitos, mas são dois mandão. João de Una de Deus e Rainha Ewá. Então, eu não posso fazer nada sem eles. A segunda pessoa é Oliveira, seu Oliveira.<sup>20</sup> E o contra-guia daqui é Raimundo Vaqueiro.<sup>21</sup>

É uma corrente. Tem muitos nomes de encantados. Beiramar<sup>22</sup>, João Beiramar de Deus, Corre Beirada, e o filho de Corre Beirada, Antônio Luís de França.<sup>23</sup> Tem seu Baiano, pai de Légua. Légua nasceu aqui no mundo do pecado, no nosso mundo. Era cujuba. Fez muitas coisas e depois se encantou, se sumiu.

15. “Nagô, Nagô, Nagô, eu baiei foi em Nagô”. “Santa Barba mãe Xangô / Perguntaram pra Alencar/ O que foi que aconteceu, meus vodunos / No Terreiro de Oxalá” (Doutrina cantada no Barracão Boa Fé. Depoimento de Rita, filha do santo de Memê).

16. “Botei meu barco nágua / Pra ver ele navegar / por isso eu peço a licença /pra minha mãe Iemanjá / é Manjá, é Manjá / quem mora na beira dágua/ é Manjá” (Doutrina cantada no Barracão Boa Fé. Depoimento de Rita, filha do santo de Memê).

17. “Xangô pra mim ô pomba / ô pomba ô / Xangô pra [?] ô pomba / hô pomba bá bô”. “Dá banda de lá têm uma pedreira / por onde mora Xangô lá / Ô Xangô cá, ô lá na cajueira”. “Xangô passou ninguém não viu, / lá vai Xangô” (Doutrinas cantadas no Barracão Boa Fé. Depoimento de Rita, filha do santo de Memê).

18. “Eu já salvei, vou tornar salvar/ eu já salvei o rei de Exu / e vou salvar o Rei de Nagô” (Doutrina cantada no Barracão Boa Fé. Depoimento de Rita, filha do santo de Memê).

19. “Ô chama Verequete no mar / selar teu cavalo Senhor / Ô chama Verequete no mar / selar teu cavalo senhor”. “Chama Verequete, chama Verequete / é o nome do meu pai, Serenou / Chama Verequete, Serenou”. “Verequete na mina de ouro / Pombo, e pombo, Pombo do Ar” (Doutrina cantada no Barracão Boa Fé. Depoimento de Rita, filha do santo de Memê).

20. “Mina é bagedou, mina é bagedou / rompeu aleluia e vodunso raiou / Seu Oliveira olha os seus filhos / veja como mundo inudou ai meu Deus” (Doutrina cantada no Barracão Boa Fé. Depoimento de Rita, filha do santo de Memê).

21. Raimundo Vaqueiro: “Eu sou filho do Baiano, seu Baiano, Matuto. Sou afilhado do Matuto. Filho de criação. O Matuto é mais velho. É irmão do Baiano, meu pai. Meu tio e pai de criação. O nome do meu pai é Constantino. Mas aqui no mundo é Baiano. Lá fora, na Bahia, é Baiano. São boiadeiros. Lá na Bahia chamam pra nós todos “boiadeiros”. Agora cada um tem seu nome. “Hoje vai passar os boiadeiros”. Então é só nós. É só a nossa linha. É Matuto. É tudo.”

22. José de Légua: “Beiramar é um encantado muito falado, muito grande. De toda a parte que pertencia ao mar ele faz parte. Todo o mar pertencia a ele. Mar maré. Ele é do mar. Ele vive no emprego dele, no trabalho dele. Lá no mar, na praia grande. Pertencia as todas as correntes. Uma a mais, uma a menos. O encantado é doutor. Se formou. É profissional de uma cousa a quem se dedicou. É como o médico. Tem um que não opera. Não sabe como operar. Não é médico operista. Mas da assistência. Cura e trabalha de mina, candomblé. O João vem e traz Beiramar. Eu estou aqui, João de Légua. O senhor João chega e me avisa: “seis e meia está passando”. Tem as doutrinas. “É água do mar / É água do mar / Maré cheia aho. / É água do mar / É água do mar / Are a oh”

23. “Eu sou amigueiro / Eu venho d’água a limpeza do mar / Me chamo Antônio Luís Manoel (Doutrina cantada no Barracão Boa Fé).

Quando ele aparece agora como Légua Bogi Boá da Trindade, é filho de Pedro Angaço. Tem muito filhos: trinta e poucos filhos. Só um homem, só um encantado. Ele é filhento.<sup>24</sup> Tem Manezinho, tem meu primeiro nome, Raio Curisco, tem esse do porto da cabeceira, Manoel das cabeceiras.

Agora, quem manda aqui é João e Memê. É “JM”. Bota aqui as coisas deles, todas marcadas assim. Porque ele sabe que eu sou o sócio dele. Aqui o João de Una da Mata de Deus é o dono da linha. É quem manda. O encantado, o chefe é João de Una de Deus Amado. É dono da casa aqui. Manda os outros. Ele é mandão. Toma conta de olho de porco, toma conta de olho d’água. Em São José de Ribamar, ele canta direitinho. Tem a cantiga dele.<sup>25</sup> Diz que é rei três vezes. Casou três vezes esse encantado. É o velho dono daqui, que passa na saída daqui. Ele tem li-

nha de moço e tem boço. Moço está novo. Tem boço. Está muito velho com seus cem anos. Ele vem na linha que ele entende.

João de Una é caboclo, cabelo marajá, forte. Não é só daqui. É do mundo. Ele é quase dono do Maranhão. Quando ele não é o dono é o filho dele. É o mandão. Manda muito.<sup>26</sup> Ele faz ano no dia 24 de junho. O aniversário dele é festejado. Só uma noite. Tem tambor, tem bolo, tem agrado para o povo. Ele não viveu aqui. Ele é filho de Joana Duna. Agora eu não sei se morava em encantaria, se mesmo nasceu lá ou se nasceu aqui. A sua história eu já não sei. Eu sei em cima de mim, quando ele vem. Pra falar bem do encantado, melhor é ele. Pra mim é ele que é melhor. E pra falar do tratamento, como entra, como é pra sair, é eu. Agora falar do encantado, ele mesmo é melhor. Eu só recebo.<sup>27</sup>

24. José de Légua: “Eu sou portador. Trabalho ali na cola. Eu sou de Codó, mas nasci em São Luís. Sou filho de Légua. Viveu em São Luís com a sua família, grande. Depois morreu na santa paz. E se encantou. Já vem com o nome do encantado. Tem trinta um filhos. Trabalho com cura e com mina. Pra curar aqui tem que tocar baião mineiro. Só na parte de mina”.

25. “É Dom João, é Dom João / Dom João Rei de Mina, Dom João / É Dom João para Vodunsos Águas Belas / É Dom João, para Vodunso Águas Belas”. “Dom João vem guiar terreiro / senhor meu pai eu não vou lá não / Ô Dom João vem guiar / Senhor meu pai, eu não vou lá não”. “Seu João da Mata tem a cor morena / ele é caçador, caçador da Jurema / ele jurou, tornou a jurar / para ouvir os conselhos / que a Jurema vem dar” (Doutrinas cantadas no Barracão Boa Fé. Depoimento de Rita, filha do santo de Memê).

26. Raimundo Vaqueiro: “João de Una é o responsável de todo. De tudo ele é responsável. Ele determina as coisas como dono. Não é só aqui que ele é dono. É muitos terreiros. É dono do Egito mais Verequete. Toy Averequete. É outro encantado, outro rei. Lá só existem reis, preto e caboclo. É branco, preto e caboclo. É a mesma relação daqui. Então hoje João de Una chega e diz assim, “hoje vão passar os marinheiros”. Então só passa marinheiros. Não passam outros porque ele deu ordem que não passam. Se vai passar Preto Velho, só passa Preto Velho. “Hoje vai passar só Exum”. Só passa Exu. Ele resolve tudo. Ele que resolve como dono. O dono é que resolve tudo”.

27. João de Una: “Venho do Lençol. Venho da Turquia E tenho que andar em todos as cabeceiras. Nasci na mata. A mata é uma encantaria. Se da o nome de mata. Tem todos os preceitos, tem jurema, tem taboca, chamam taboca aqui. Tudo tem. Eu nasci no mundo do pecado. Eu era mais novo da família. Tenho cinco irmãos. O mais velho me levava pra pescar. Mais um belo dia veio uma tartaruga mais ou menos de um metro e me roubou. Quando ela chegava em qualquer lugar ela se encantava numa mulher. A mulher levava pra hotel, pra qualquer coisa, e nós ficávamos como do mundo do pecado mesmo. Quando saía de lá, ela desaparecia. Ia pra outro lugar, pra outro estado. Ela também andou muito. Ela me adorou. A tartaruga é Joana Darlia. Está aqui o retrato. Ela que me levava pro mundo todo. Voltei encantado com ela.

#### 4 Uma missão

Todo mundo inteiro é médio. Todo mundo é espírito. Não tem que não seja médio. Tem os mais forte e os mais fraco. Um vai pro mal e outro vão pro bem. Um aparece, outro é escondido. Outro não recebe porque não se dedicou. Tem uma porção de médios. Tem médio oculto. Pouco se vê. Sai pouco. Eles têm muito poder porque eles vêm ocultos. Vivem só as ordens do encantado. Tem clarevidente, tem vidente e tem evidente. Médio vidente, ele enxerga puro e se atoa. Sabe de alguma coisa. Faz dez e ele sabe de cinco. Ele lembra que fez aquilo. Assim que é. Como o sonho. Ele fica assim numa sonolência como sonho e depois ele sabe. Esse vidente sabe das coisas, assim. É médio evidente. Uma pessoa que sabe das coisas sem ninguém contar. Tem a intuição. Advinha. Tu vai sair agora. Vai viajar. Tem a intuição de não viajar: “deixa passar que tem algum mal contato”. Ele está fazendo uma coisa pra minha madrinha Justina, pra o senhor, aí trespassa. Mas ele fica sabendo o que estava fazendo aquilo. Continua fazer aquilo que estava fazendo. Ele sabe de uma parte, de uma quantia. Toda não. Porque é tomado. Toda não tem médio.

Tem um melhor que os outros. Tem o melhor, tem o mais sabido que é mais inteligente. Na escola, tem gente, alunos, alunas, que não perde um ano, todos anos passam. E tem alunos que perde um ano, perde dois anos. Na mina, é a mesma coisa. É de acordo com a condição da pessoa. Tem uma porção de filhas do santo, mais jovem de outras. Mas elas não ficam pra trás das

outras. Ficam por igual. Por causa da boa vontade. Boa vontade é que faz tudo. A boa vontade é que vence. É assim que é.

Cada um vem do seu jeito. Eu dei muito serviço. Eu sei que é horrível. Em outros, não dá assim. Dá menos. Muitos vão numa casa, chegam lá numa casa, caem e o pai de santo vê se tem condição. Vai procurar quem é o guia pra se entender, pra arriar. Outros vêm olhar o tambor, aí, cai. Um vem com ataque. Aí depois que o encantado chega, pronto, passa, se atoa e cai. Aí seguro ele e trago pro quarto. Aí ele dá um registro da casa. O dono pega uma pana, um rosário, qualquer coisa dele. Se é do encantado, ele bota naquela pessoa pra confirmar a linha. Um vem passando mal, muito doente. E o pajé cura e diz que ele é médio, que está recebendo o castigo porque ele é médio. É assim. Vem traz ele pra se tratar. E ali fica.

Tem teste. Teste é um dever, uma obrigação pra saber a verdade. Bota o fogareiro grande com brasa e despeja um litro de dendê na panela. Quando está fervendo, aí vai meter a mão. Quando o dendê ferver, ele canta, assim: “vamos no mocoró [?] / tá quente / vamos no mocoró [?] / tá quente / como eu meto a mão não me queima / como eu meto a mão não me queima”. O que tiver atuado não se queima. O que tiver puro se queima. Aquilo que não está puro, não queima. Ele é frio. É marcado na frieza que adormece a gente. A pessoa está suando, mas está frio.

Eu também faço assim: o senhor se atoa, eu dou um recado pra seu encantado. O encantado vem em cima de mim e alguém aqui dá um recado pra ele. Eu mando ele

Quando eu voltei foi me transformando. Quando eu estava no pecado ela era a gente. Quando desaparecia era encantado. Ela fazia eu me encantar. Mistério de Deus. Olha nós dois aqui. O povo diz que ela é minha esposa. Ela é muito ligada comigo”.



dar aquele recado meu pra senhor. Se ele não deu meu recado está mentindo, mistificação. Não é verdade. Porque o encantado não vem nele. O senhor pode estar o dia inteiro, ele não vem. Ele só vem naquele que é médio. Está pronto. Aquele que está preparado. Outro tem que ter o preparo. Tem que se preparar, trabalhar.<sup>28</sup>

O médio, vou lhe dizer, é um campo cheio de gado. O encantado está solto no campo. É um gado que não está ferrado. Ele vem por meio da concentração. E vem também sem concentração. Porque no começo a gente não sabe concentrar. Eles vêm à hora que quer. Fica avulso. Não tem hora pra vim. A gente não tem tempo de comer, de dormir, não tem tempo de nada. A gente está almoçando. Ele chega aí. Tem que largar o comer. Aí bate, derruba, sai correndo, sai gritando. É horrível. Não é bom não. Não querem ser governados. Só do pai de santo dele ou da mãe de santo. Mas, de outro, ele não aceita. Agora o pai do santo vai ver quão é o encantado que pertencia mais a ele. Sabe que é dele. Mas só prova depois que ferrar. Manda os outros encantados que aí não fazem nada sem aquela pessoa, sem aquele encantado. O encantado tem que reconhecer o senhor para poder fazer paz. Dá ordem aqui e ele diz tudo.

Todos médios já vêm de nascença. O médio, ele já nasce mais ou menos prepa-

rado pra aquilo. Um que não é preparado, mas é médio forte, é obrigado receber. Sem nada. Sem trabalho. Sabe se defender. Outros têm que ter ajuda. O que não tem, precisa completar, botar mais positivo. Aqui só tem confirmação. O senhor já nasceu inteligente e aqui vem acabar de se instruir, estudar, mas sabendo quase todo. Tem que ter determinação, procurar uma casa dessa pra ser doutrinado, aprender as doutrinas. Dá-se o nome de levantamento. É uma coisa que está na caída. A gente vai levantar. Levantamento é lhe apoiar, compreender mais as coisas.<sup>29</sup>

O menino nasceu pajé. Aí se tiver um pajé, ele conhece logo que ele é pajé. Aí nasceu um menino, uma filha ou um filho. Sofrendo. Leva pro médico. Ele diz que isso não dá. Leva pra outro. Não dá. Torna cair de novo. Aí vai na casa de um mezinheiro. Chama mezinheiro, mineiro. Chamo esse mineiro que chamam agora, mezinheiro. Vamos na casa do mezinheiro ou na casa do pajé. “Vamos procurar um pajé pra essa pequena. Vamos na casa de Memê”. E chega essa menina. Veio pra me tratar. Se não morre. Fica doida, fica cega, aleijada. Tem que falar com o pai e a mãe ou o responsável dela. Tem que trazer o responsável, os pais, o marido, o irmão ou o filho. Deu uma roupa, pra seu João mirar. Mirou e disse: “ah está perdendo tempo. É media. Tem que

28. João de Una: “É como um que nunca montou a cavalo. Quando monta fica tonto. Cai. Mediunidade é coisa séria. Vem de lá mas é coisa séria. Tem que ter muitos preceitos. Tem que ter cuidado com aquilo pra poder usar. Se não tiver cuidado foge”. “Vamos fazer uma comparação. Olha a roça. Escolhe o mato, que vem de lavoura. Mete picada. É uma luta. Aí roça. Mete cada ponto que quer roçar e mete logo as beiradas. É uma linha. Roça, depois do roçado espera secar. Toca fogo. Já passa mais uns dias. Aí vai plantar. Depois vai capinar. Vai colher. Aí chega no fim da história. A fim do serviço do lavrador. O médium é a mesma coisa.”

29. João de Una: “Antes dele vim, nós temos que fazer os nossos preceitos. Enquanto ele chega. Pra poder pra ele chegar. Porque o carro sem gasolina não trabalha, sem o óleo, sem o álcool. Então tem que ter dessas coisas eu estou dando um exemplo e uma comparação.”

cuidar da mediunidade dela. É media evidente, caboclo na frente”. Eu trato ela. Vou determinando as ordens, o que for preciso, preparando ela até quando for pronta um dia. Agora, depois que o pai cura sua filha, traz ela pra fechar o corpo. E fecho o corpo. Porque qualquer um pode receber pelo momento. É pelo momento. O pajé, o mineiro o curador, todos sabem. É mistura danada. É coisa séria. Eles dizem se é pra abrir o corpo da menina ou se é pra fechar. Eu perguntei ao pai se quer que ela fique trabalhando ou não. Aí o pai dela apavorou logo. Aí chorou. Aí o senhor diz que não. Queria fechar, porque ela não vai cuidar disto. Não recebe. Corpo fechado pra não receber. Ela não vai assumir.

O médio se prepara pra receber. Tem que preparar primeiro de cura. Aí de cura vai passar pra espírita. Da seção espírita, vai pra mina. Tem quem quer se preparar só na cura. Tem quem prepara só pra festa de espírita. E os que se prepara só na mina. Começa com os banhos. Depois recebe a missão. Missão se dá o nome de obrigação. Tal hora tem que fazer isso, tal hora tem que fazer isto. Até chegar ao ponto de concentração.

Os medicamentos, os banhos, as obrigações do banho é pra ir segurando. É pra ele procurar a gente. Nós temos que ter força no corpo pra chamar. Não é como chamar Memê. Pra chamar, eu tenho que receber uma força que ele nunca recebeu. Então tem que purificar pra entregar o corpo. Banho é pra limpar o corpo. Limpar a matéria. É coisa séria. Primeiro é das flores. Depois vai tomar abre-corrente. Firma-corrente é pra firmar a corrente. Se compra feito. Também olho gordo ou olho grande - é a mesma coisa - é banho comprado. É dois reais ou mais. Tem banho de Mãe Joana de Pedreira. A Mãe Joana é chefe das correntes. Esse já está feito. A

gente toma banho do protetor da gente, de Santa Barbara, que é a dona da casa.

Primeiro banho é pra abrir as linhas, as correntes. Primeiro banho vai tomar banho de abre caminho. Uma primeira ordem deles. É banhos de flores. E aí toma banho de rosas, qualquer rosa, rosa todo-ano, sangue-de-Cristo, palmeirão. Tem que botar um flor de cada uma qualidade. É só colocar ímpar. Não colocar par. Não se deve deixar de botar um pouquinho de álcool, um vinho. A gente bota cachaça. Um pouquinho, meio copo, meio copo de vinho, quando tem, amoníaco e espírito da vida. Ainda bota aquilo que a gente usa. Bota perfume que a gente usa, desodorante. O extrato que usa. Bota um pouquinho pra cheirar. Tudo é nove pingas ou sete. Cada uma coisa. Agora a quantia é no litro. Bota num litro e completa. Cada garrafinha é um banho.

Depois tem que defumar com incenso, bijuí e mirra. Tem que tomar banho de incenso abre corrente. Incenso, bijuí e mirra. O banho de incenso é pra defumar. Tem que defumar. Bota incenso dentro do fogareiro. Compra na farmácia. Quebra-barreira. Vença todo. O defumador é depois do banho. A gente tem que defumar a roupa antes de se vestir. Se defuma e se veste.

Todos dias faz um, até dar sete ou nove. Todos banhos tem que dar sete ou nove. Sete dias banhando ou nove dias banhando. Depois é pra tomar outro banho. Banha com sabão e escorre. Quando termina o banho, não enxuga. Quando tiver quase enxuto, é que se banha com o remédio. Esse não é pra banhar. É só pra passar no corpo. Não despeje na cabeça. Passe no corpo e fique no banheiro pra escorrer um pouco pra não se enxugar. É o derradeiro banho de cada dia. Com esse não pode banhar mais. É banho de fé. Enquanto a gente viver, vai banhar. Banhos

nunca terminam. Só começam. Tem que tomar banho todo tempo. Aí, quando vai pro acampamento, tem que levar. Tem que ter a confirmação todo tempo.

Tem que fazer cabeça, fazer croa. Racha assim no meio um pouquinho que não dá pra notar. E vai meter contas, três pedras. Se dá o nome de pedra. Uns chama conta, outros chamam firmeza, outros chamam cabo verde. Cada um diz um nome. Uma conta, uma firmeza. Se chama conta. Eu chamo conta. Chamam o nome de firmeza, mas é a conta. Conta, garantia, firmeza. Mesmo nome. Tira do corpo e bota no meio da cabeça. O encantado mostra e bota. Depois bota no corpo. Pra ser forte. A firmeza é uma guia, para lhe guiar. Tira do braço, tira da boca. Tira batendo, tira chupando. Tira daqui, daonde ele achar. Tira do pé, da perna. Encurta um pouquinho, que é pra dar saída. É dele. Não de Memê. É dele mesmo. É da encantaria dele. Traz com ele da onde veio. Depois bota no corpo também, com este óleo. É óleo de reforço. Ele bate no peito e cai uma pedra. É uma garantia. Ele lhe dá. Fica com você. Pode quebrar. Tem que tirar os pedaços. Tem que botar uma outra no lugar. O senhor não sabe onde ficou, onde ela está. Ela sai. Ela anda. Onde tem um mal contra o senhor, ela chega.<sup>30</sup> É firmeza. Ajuda. Mostra o seu caminho. Tudo é mais fácil. Se você está achando difícil fazer, passa um dia e o senhor resolve, só de manha numa

hora. Fica até admirado. “Como foi que eu fiz isso com facilidade que é difícil?” Tudo acontece. É assim.<sup>31</sup>

Quando vem o encantado, o pai de santo pergunta: “é você que é mestre do seu fulano?”. Ele diz, “sou”. “E quem é a patroa?”. “É fulana de tal. Vai buscar”. Ele larga e caminha. Não demora, ele chegar atrás. Pra confirmar ele. Vem, atoa, pra receber o serviço. Aí pronto. Confirmou. Quer dizer que é uma coisa que acertou. Agora ele vai mandar os outros todinho que passa nessa croa. Quem manda é ele. Mais ela. É sempre um casal. É um mestre e a mestra. É o chefe e a chefe. Quando é a mulher, é o homem que manda. E quando é o homem, e é a mulher que manda. Quando é o homem, o homem manda o outro homem. E quando é a mulher, a mulher manda outra mulher. O casal é mestre dele. Mas é governado pelo chefe da linha dele. Da linha do casal. O pai de santo é quem carrega, que está desenvolvendo a mediunidade, a cabeça, o encantado. Até ver o que é mestre. E se apresenta o mestre daquela pessoa, o chefe. Então vão buscar a chefe. Muitas vezes a chefe vem primeira. Aí o pai de santo diz: “vai buscar o chefe”. Aí traz, confirma: “Olha você são responsável por esta croa. Pode vem quem vier, mas você que são responsável”. Aí pronto. Eles ficam sabendo. É dois. Um casal que vem receber o trabalho.

30. João de Una: “Mais é uma luta. Porque o senhor fica invejado de algum. O senhor tem que saber se defender dele. Bota ele pra ser seu amigo como era, sem brigar.”

31. José de Légua: “É assim. Com o senhor vai pra fazer o emprego. Na hora que recebe emprego faz firmeza. Pra trabalhar. Pra a linha. Pra firmar. Contra o mal. Depois chega mais perto. Vem chegar melhor. Já começa e dá pra ir. Quando ele vem na cabeça. Só no toque. Tocando. Quando ele vem na cabeça abre a croa. Chama o nome “abre croa”.

Tem um mestre e um contramestre. Cada filho de santo tem seu guia e seu contra-guia, sue chefe e contra chefe. Aí depois solta a linha. E isso vai chamar o resto da linha todinha quem é responsável.<sup>32</sup>

Eu vou lhe explicar direitinho pra o senhor entender melhor. O senhor está no Frechal. Nós somos amigos. Então, qualquer homem que vem aqui eu lhe apresento, que eu tenho um amigo lá no Frechal pra ele procurar lá. Ele vai procurar. Digo “vai procurar meu amigo, está lá no Frechal”. Ele vai. Depois, ele vai embora e vai manando os outros: “Eu vim aqui pro lado, fulano; eu vim aqui pro lado, bertano”. Até ficar, completar. Aí é uma boiada solta. Asusta. É muito gado.

A preparação no Egito é dando o banho, metendo firmeza, metendo guia, metendo cabo verde, mandando se concentrar. O concentrador se concentra. Vem o encantado. Diz alguma coisa, faz alguma coisa pela pessoa. Ele sabe o que precisa. O encantado diz se acha que tem que dançar, ou treinar dançar, ou acabar numa seccãozinha. Aí ele diz logo: “eu quero é dançar. Eu quero trabalhar seção”. Se quer é doutrinar, ele tem que doutrinar. E vai dançar por bem ou vai dançar por mal. Tem que fazer de acordo com o encantado. Quando começar receber, o dono controla com o seu guia e com sua condição. Se ele quiser cura, passa pra cura. Se ele quiser mina, passa pra mina. Se quiser espírita, passa pra espírita.

E se quiser as três, passa para as três. Tem que falar puro e falar atuado. Porque, se falar atuado, depois que ele tá puro, ele não sabe. E, se eu falar com ele puro, ele atuado não sabe. Tem que falar para os dois. E, se o encantado falou tudo direitinho, ele diz: “você pode ir pra casa, fazer, adiantar tempo aqui”, na casa que ele é o responsável, pra não prejudicar. É coisa séria.

Precisa ter conta de vista. Uma conta de vista é um ano e seis meses de resguarda. Ninguém não faz mais isso agora. Por causa da televisão, ninguém mais quer acreditar nestas coisas. Não tem mais pajé, falado, mineiro falado. Tem muito poucos que confiam. Agora, ninguém vai ter um resguardo desse, eles não querem, eu garanto, não querem. Pra receber a conta de vista, tem que passar o tempo preso, fechado, isolado, privado. Falando só com a gente da casa. Eu vivia trancado, fechado, escondido. Só falava com meu pai mais a minha mãe e com a gente de casa. A gente de casa, pra vim, tinha que se defumar ou passar um banho pra poder falar comigo, pra não esbandalhar lá dentro.

Quem tem conta de vista vê. Quem tem vidência de nascença vê. Quem não tem, não vê. Os que nasce com vidência não precisa de conta de vista. Já traz. Vai só receber banho de limpeza. Outros vai tomar banho de sol, fazer remédio no sol, pra dar luz nela. Conta de vista é pra enxergar. Depois, tem que ver conforme seus sonhos.

32. João de Una: “Eles vem de três mundos. Tem um aqui. Esse aqui é do meio. E tem outro aqui em baixo. Encantaria de lá de baixo. Aquele lá é do globo invisível. É diferente daqui. Aquilo é neblina. Não tem aquele sol grande como aqui. Não. Lá é tudo neblinado, assim, como quando está chovendo. Como a fumaça. Assim que é. Já aqui é outro. Aqui é o mundo do pecado. Lá em cima não tem morte. A morte é só nesse globo aqui. Lá, quem está lá, já passou neste daqui. A terra é condenada. Porque aqui tem morte. Lá não tem morte. Aqui tem doença. Porque esse é muita carne. Lá não existe. Lá é quase uma santidade. Não tem esta doença, estas coisas, assim, brigas, barulhos. Como vivem aqui. É uma política braba. Quer brigar, atirar.”

Não é sonho. É labuta. Quando for labuta tem que olhar no sonho. Quando ter labuta, eles vem assim lhe dizer as coisas no sonho. Vem conversar com o senhor, falar, dizer. Quer dizer que eles estão se aproximando. Estão muito longe. Vem procurando, até chegar aqui. Eles já vem aparecendo. Todos médios fazem isso. O médio faz isso. Vai tendo a intuição. Ele está em casa, mais está olhando tudo, deitado vai fazendo tudo. Esse sonho é labutação. Eu estou trabalhando pro senhor e você está trabalhando no Frechal. O encantado está trabalhando ao seu favor. Quando é de noite, ele me dá o aviso, pra ele vigiar: quem está com o senhor lá, que não me quer lá. “Tem gente lá fulana, fulana é contra ele lá”. Aí o senhor chega. Eu estou puro. Não estou atuado. Eu digo: “olha, fulano de tal – o nome do encantado, Corre Beirada ou Vaqueiro ou Baiano ou Basílio, qualquer um encantado, tem muito nomes – disse pra o senhor não se descuidar de fulano e fulana”. Ele diz: “eu não estou gostando o senhor muito lá”. É safado. Assim que é. Porque a safadeza vem do começo do mundo.<sup>33</sup>

A concentração é pra receber o encantado.<sup>34</sup> Senta aí, bota a cadeira pro senhor aqui, concentrado nas coisas. O senhor fica em silêncio, não fala. Concentrado re-

cebe. Aí é melhor com olho fechado que aberto. O relâmpago, na hora que passa, é como um pássaro. É uma coisa séria. Tem que fechar os olhos. Porque é fechando os olhos que você resolve essas coisas, com os olhos fechados.<sup>35</sup> Tem uma pana na cara, assim. O senhor de olhos fechados enxerga mais do que de olho aberto. O espírito, a mãe d’água e o encantado, tudo enxerga. Pense no Sagrado Coração de Jesus, pense em Deus, no menino Jesus. Pense no mar. Pense no homem que aquele homem é João de Una. Como se fosse uma imagem. É só um pensamento. Só um pensamento. Aí de já trespassa. Fica pensando, pensando, pensando até foi chamar. Aí o senhor se concentra e não vem ele. Mas vem o guia. Dá nome. Diz o que é, porque veio aqui. Aí fica uma corrente. Ligou a tomada aqui. Ligou o canal, na rádio, pega a rádio. Pois é a mesma coisa. Sempre está assim, por médios. O médio concentra e vai, vai, vai, até chegar e ficar aqui. Ele fica respondendo, demandando, dando ordem pra ele: “faz isso, faz esse, faz aquilo e faz assim, faz assim”. Invisivelmente.

O encantado não é mais Memê. É seu João. Não lembro nadinha. Fica tudo esquecido. Tem coisas que eu não gosto, ele faz. Vou receber o encantado e deixo uma pessoa

33. João de Una: “O senhor vai tendo intuição de tudo. Tudo você vai ter intuição. No dormir o senhor não vai ter mais sonho. Sonho não. Porque aqui não damos o nome de sonho. É labuta. Eles falam com o senhor só no sonho. Então é uma labuta. Um trabalho que eles vieram fazer. O senhor vai olhar muitas coisas. Às vezes o senhor olha uma pessoa no sonho. De manhã é a primeira pessoa que o senhor vai olhar.”

34. João de Una: “Na hora da concentração, já é o médio que corresponde com o mestre. Incenso está aqui aí ele chega: “Quem é o senhor?”. “Eu sou fulano de tal”. Já está em cima do senhor, pra falar com o senhor. “Quem é o patrão desse moço?”. Aí o senhor responde “sou eu. Então vou fazer um trabalho pra esse moço”.

35. João de Una: “De olhos fechados. Olha de olhos fechados. Aí vem e se atua. O nome é atuar: “Fulano está atuado”. Ele vem na hora. Se ele tiver demorando muito, a patroa diz assim: “O senhor não quer ter a bondade de largar o cavalo?”. Se chama cavalo. Que ele vai fazer tal coisa. Agora tem que fazer. Aí tá. Ele sai e vai embora. Isso é um passagem.”

amiga como o senhor pra me dizer o que foi que ele fez. Eu fico dormindo. Faz de conta que estou dormindo, ressonando. Nunca estou sabendo quem entrou, quem saiu. Você está dormindo sem saber o que está acontecendo. Depois que fica, uma pessoa está aqui e vai dizer: “olha, aquele teu amigo veio aqui. O encantado atendeu. Disse pra ele vir tal hora”. Aí eu fico sabendo. Através dela. Se ela não dizer, eu não sabia o que era. Então, quando ele me larga, ela vai me dizer: “o teu amigo veio aqui, chegou lá. Recebeu muito bem. Gostou muito. Agradeceu e já foi embora”, “fulano fez isto, fulano fez isso”. É ele que deixa as ordens. Agora, o povo ia dizendo o que era. Ele não diz ao pai de santo. Não fala comigo. Muitas coisas ele não fala comigo. Ele tem que dar o recado. Ele vem dizendo pra uma filha ou pra a zeladora dele. Quando ele quer falar comigo direto, ele deixa recado. Ele está aqui, ele deixa recado por um qualquer. É fácil. Ele chega aqui apressado, deixa o recado como ele quer. Assim como nós somos amigos, pois assim eles são também. Tem aquela amizade. Emprega uma amizade com uma responsabilidade de palavra. Se diz que vem atender tal hora, ele chega. Agora, você faz o seu pedido, e ele diz se é possível lhe ajudar. O senhor fala com ele. O que ele lhe dizer aquela pessoa está lhe ouvindo. Se o senhor for falar particular, ela não sabe, ela diz assim: “olha, teu amigo vem. Falou particular com seu João. Disse assim, assim pra ele”. Aí eu fico sabendo. Quando ele me larga, eu estou pensando que estou lá na roça, junto com o senhor e já estou em casa. “A que hora ele veio?” Aí ele diz: “ele veio montado na carroça que trouxe. Tal trouxe pra casa. Veio de carro. Fulano passou e trouxe ele. Zé Paca trouxe ele”. Assim que é. É ruim.

Dentro da mina, o pajé conhece tudo de ponta a ponta, nos quatros cantos do mundo. Se ele não conhecer é ruim, só vai até

uma parte, aí não vai mais. Não pode se garantir, não pode se apresentar. Porque assim fica ruim. Porque ele não sabe o que ele vai dizer, nem o que fazer. Se chegar conversar com o encantado, não sabe quem está. Porque todos pais de santo ou mães de santo tem que dar conta de toda falange pra poder dividir. Porque essa daqui dança comigo. Mas tem uma falange. O senhor dança já na outra falange. O pai sabe tudo isso pra dividir, pra separar: “tu é daqui, tu é daqui”.

O pai de Santo é responsável por receber qualquer um. A croa é pronta pra isso. A cabeça é feita. O pai é dono daquele encantado, do chefe da corrente, do chefe da linha. É responsável. Ele é mandado pelo pai. É o pai que manda eles, determina eles. Quando começar receber, o dono controla com o seu guia e com sua condição. Agora eu tomo conta de uma porção de correntes. Agora, se está fazendo uma corrente de cura, ele vem dar remédio. Mas amanhã pode voltar e vem uma corrente de mal. Querer fazer o mal, derrubar no caminho, me perder no caminho, tudo isso. Como nós mesmos aqui. Não tem o mal? Querem matar, brigar. E tem a mesma coisa lá. Agora precisa do pai de santo prender ele, falar pra ele.

Tem que cantar pra a corrente que está pesquisando. Se está pesquisando uma corrente de João, tem que cantar pra a linha de João. Se está pesquisando uma corrente de qualquer outra corrente, tem que cantar. O pai vai preparar os filhos e vai chamar, cantar. Ele vem cantar pra eles. Ele está em serviço escondido, guardado. Ele canta. Os outros tudo cantam. Mas ele não está olhando. Ele está aqui no quarto separado. Eu queria dar um exemplo pra entender da boiada. Tem a cantiga, eu vou cantar uma pro senhor. Assim que canta: “Raimundo Vaqueiro / do campo de Araoca / O meu ademor [?] sou /que viveu malò [?] / Rai-

mundo Vaqueiro / do Campo Araoca / ou, ei, ei ei ou ei ei ei ei”. O nome dele é Raimundo Vaqueiro. O encantado. Raimundo Vaqueiro do Campo de Araoca. Esse boi de Araoca. É o contra-guia daqui. Esse é filho de Fazendeiro, Candido Fazendeiro.

Os encantados são uma boiada. Está solta. Não tem dono. Depois que o senhor se prepara, o encantado vai lhe procurar, vem atrás do senhor: “esse aqui é meu. Aqui é meu e aqui fico. Indo e vindo”. O encantado vem se arriar no senhor. Fica só as ordens. E são as ordens dele. Ele deixa uma ordem agora, vai embora. O senhor também pediu uma, ele já vem deixar outra ordem. Ele chega dar ordem dele, o que ele quer. O encantado vem e pede. Diz pra comprar uma roupa de ciganos. Aí o senhor tem que comprar. Se não quando vem ele briga. Quer quebrar a cabeça, quer tirar seu braço do lugar. Porque o senhor não comprou aquilo. Aí esbandalha. Se zanga. É só com o senhor porque não fez aquilo que ele mandou. Aí eu tenho que dá um jeito nele: “não comprou porque não pode. Foi na cidade, mas não pode comprar, tem que dar um jeito nele. Mas ele vai comprar agora”. Assim que é. Se a gente não cumpre, vai ser castigado. Ele castiga. Acontece qualquer coisa a contrário da vida da gente.

Esse é um castigo. Se não pode ir na festa, tem que mandar avisar, dizer que não pode vim pelo motivo sério. Eu tinha uma irmã de santo aqui na vila. Ela era filha do Egito. No carnaval, ela disse que não ia dar nadinha pra o Egito. Deu banana pro encantado e pulou pro samba. O domingo, uma hora da tarde, o encantado fez uma trouxa. Botou tudo dele, tudo dele e foi pra rua. Botou querosene e gasolina na casa e tocou fogo. Andou a tarde, andou a noite, andou o dia. Com três dias, no dia de fechar lá, ele chegou. Largou a moça. Ela não

está sabendo de nada. Aí começou fazendo desculpa dela: “Como foi? Eu não sei o quê, não sei o quê”. Quando o encantado arriou nela, dez hora da noite, ele contou: que ela deu banana, deu bunda pra ele e xingou uma porção de nomes e aí tinha que tirar as coisas dele. Só as dele: saia, blusa, rosário, pano de cabeça e chinelo. Tocou fogo em tudinho e foi embora. Quando ela veio, ela passou quinze dias no hospital. Aí a irmandade se ajuntou. Cada um dava uma coisa pra levantar a casa de novo. E só essa roupa que ela tinha, que ele levou ao fogo, só a roupa de pajé. Ele deu um castigo danado.

Não é assim que a gente governa eles. Eu tenho uma croa, o senhor tem outra. É lá na croa dela que ele fez isso. Se ele passar na minha, ele não faz nada. Ele não vai fazer isso. Não vai tocar fogo, não vai nada. Deixa a minha croa limpa. Eu sou subalterno dele. Não aceita a gente governar ele. Não quer ser governado. Só do pai de santo dele ou da mãe de santo. Ali é governado. Mas, de outro, ele não aceita. Eles são bravos. Bem bravos. Depois eles acostumam com a gente. Mas são justiceiro. Não são como o bom Jesus. Vai esbandalhar tudinho, até tirar do emprego. Chega lá briga, desculhamba, com o chefe dela. Está pensando que é ela. Mas não é a mesma. Eu sei que é coisa séria. São castigos que eles dão.

É uma missão. Quem vai ficar trabalhando, todas as vezes que tiver festa, tem que chegar aqui, véspera ou dia, até terminar a festa. Aqui é todos dias. Todos dias tem que vim aqui. E o senhor não deixa só pra quarta feira, pra sábado. Não. Aqui é todos dias. Porque tem terreiro assentado. Quando tem terreiro assentado, tem que ver todos dias. O encantado vem ver como estão as coisas. E vai embora. É mesmo que ser católico. Tem que ir à igreja, tem que ajudar a rezar, tem que celebrar a missa. O pajé é a mesma

coisa. Ele ficou com uma missão, a de nos doutrinar. Se ele não pode vim dançar, tem que assistir os trabalhos que tiver. Tem que combinar: “eu dou tanto, faço isso, eu vou vestir, a despesa é minha, eu é que vou dar pra ele, pra o encantado”. Vem zelar a casa, dar tanto por mês, por dia, assistir, acender uma vela, encher uma água, tocar cabaça, passar café, ajuntar panos das outras, botar no pescoço, guardar o calçado. É uma obrigação, uma obrigação de seita, dentro da seita. Não pode ser fora. Obrigação de sofrer. Com o passar do tempo, vai sofrer. Porque é penitência. Sofrer, todos sofrem. Tudo tem sofrimento. E ao sofrimento não tem cura.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, J. R. de. *O Estado do Maranhão em 1896*. Maranhão: Tipographia Vapor Frias, 1897.

CLIFFORD, J.; MARCUS, G. E. (Ed.). *Writing culture: the poetics and politics of ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986.

COELHO DE SOUZA, J. *Famílias maranhenses*. Rio de Janeiro: Pioneira, 1974.

DANTAS, L. *Estudos sobre a escravidão negra*. Recife: Editora Massangana, 1988.

FERREIRA, Euclides M. *A casa de Fanti-Asanti e seu Alaxé*. São Luís: Editora Alcântara, 1987.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

MALIGHETTI, Roberto. *Clifford Geertz: Il lavoro antropológico*. Torino: Utet, 2007.

\_\_\_\_\_. *O quilombo de Frechal: identidade e trabalho de campo em uma comunidade brasileira remanescentes de escravos*. Brasília, DF: Edições do Senado Federal, 2007.

MARQUES, Cesar A. *Dicionário histórico-geográfico da Província do Maranhão*. Rio de Janeiro: Cia. Ed. Fon-Fon, 1970.

RICOEUR, Paul. *Temps et récit*. Paris: Seuil, 1983.

## NOTA SOBRE O AUTOR

Roberto Malighetti é doutor e professor titular de Antropologia Cultural da Università degli Studi di Milano Bicocca. Como estudioso de problemas brasileiros, fez pesquisas de campo principalmente no Maranhão, onde dedicou particular atenção às culturas de origem africana. Entre as suas obras publicadas em português, destaca-se *O Quilombo de Frechal* (Edições do Senado Federal, Brasília, 2007).

Recebido em: 30/09/2013

Aprovado em: 14/01/2014